

A BALANÇA DOS BALEK

Heinrich Böll

DIE WAAGE DER BALEKS, 1958

Na terra do meu avô, a maioria das pessoas vivia do trabalho nas fiações de linho. Há cinco gerações que respiravam o pó que saía dos caules partidos e se deixavam matar lentamente; gerações pacientes e alegres que comiam queijo de cabra e batatas e que, por vezes, matavam um coelho. À noite, fiavam e tricotavam nas suas casas, cantavam, bebiam chá de hortelã e eram felizes. Durante o dia amaciavam o linho em máquinas antigas, à mercê do pó e do calor que saíam dos fornos. Nas suas casas existia uma única cama em forma de armário, reservada aos pais e os filhos dormiam em bancos à sua volta. Pela manhã, as casas cheiravam muito a sopa. Aos domingos, comia-se puré e as caras dos filhos ficavam rosadas de alegria quando, nos dias de festa, o café de bolota preto ia-se tingindo, cada vez mais claro, com o leite que as mães despejavam, com um sorriso, nas suas canecas de café.

Os pais iam cedo para o trabalho e a lida da casa ficava entregue às crianças: eram elas que varriam, arrumavam, lavavam a louça e descascavam batatas, fruto amarelo e precioso, cujas cascas finas tinham que apresentar aos pais para dissipar qualquer dúvida de desperdício ou leviandade.

Quando as crianças chegavam da escola, tinham que ir para os bosques e, conforme a estação do ano, apanhavam cogumelos e ervas: aspérula e tomilho, cominhos e hortelã, também dedaleira e, no Verão, quando tinham ceifado o feno dos campos, apanhavam as flores. Recebiam um *pfennig* por cada quilo de flores campestres, que eram vendidas nas farmácias da cidade, a senhoras nervosas, a vinte *pfennig* o quilo. Os preciosos cogumelos rendiam vinte *pfennig* o quilo e eram vendidos nas lojas da cidade a um marco e vinte. No Outono, quando a humidade fazia sair os cogumelos da terra, as crianças embrenhavam-se mais na escuridão verde dos bosques e quase todas as famílias tinham os seus lugares para apanhar cogumelos, lugares esses que eram segredados de geração em geração.

Os bosques, bem como as fiações de algodão, pertenciam aos Balek que tinham um castelo na terra do meu avô. A dona da casa tinha, ao lado da cozinha, uma pequena loja onde eram pesados e pagos os cogumelos, as ervas e as flores do campo. Era aí que estava, em cima de uma mesa, a grande balança

dos Balek, um objecto antiquíssimo, cheia de arabescos e pintada a bronze dourado, em frente à qual já os avós dos meus avós tinham estado, com os cestos de cogumelos e os sacos de papel das flores campestres nas mãos sujas, ansiosos por verem quantos pesos a senhora Balek tinha que pôr na balança até que o ponteiro oscilante parasse mesmo em cima do traço preto, aquela linha fina da justiça que tinha de ser repintada todos os anos. A senhora Balek, então, pegava no grande livro encadernado a couro, registava o peso e pagava *pfennig* ou *groschen* e, muito raramente, um marco. Quando o meu avô era criança existia lá um frasco grande com rebuçados amargos, que custavam um marco o quilo, e a Senhora Balek daquela altura, quando estava bem disposta, metia lá a mão e dava um rebuçado a cada uma das crianças. As caras das crianças ficavam rosadas de alegria, tal como quando a mãe lhes punha, em dias de festa, leite no café, leite que tingia o café de claro, cada vez de mais claro, até ficar tão claro como as tranças das raparigas.

Uma das leis ditada à aldeia pelos Balek dizia: ninguém pode ter uma balança em casa. Esta lei já era tão antiga que ninguém questionava como e quando tinha surgido. Tinha que ser cumprida, pois quem a desrespeitasse era despedido da fiação e nunca mais lhe compravam um cogumelo, um ramo de tomilho ou umas flores do campo. O poder dos Balek era tão grande que mesmo nas aldeias vizinhas ninguém daria trabalho ao infractor, nem lhe compraria as ervas do bosque. Mas desde a época em que os avós do meu avô, quando crianças pequenas, colhiam e vendiam cogumelos, quer para temperar os assados das pessoas ricas de Praga, quer para cozê-los nas empadas, ninguém pensava em quebrar esta lei. Para medir a farinha existia a rasa, os ovos podiam ser contados, o linho fiado era medido em varas e, assim como assim, a balança dos Balek, antiga e decorada a bronze dourado, não aparentava poder não estar certa. Já cinco gerações tinham confiado ao oscilante ponteiro preto o que, na sua azáfama infantil, colhiam nos bosques.

Embora houvesse, entre essas pessoas tranquilas, algumas que desprezavam a lei – caçadores furtivos que cobizavam ganhar numa noite mais do que num mês inteiro a trabalhar na fiação – parecia que mesmo nenhum deles alguma vez se lembrara de comprar ou construir uma balança. O meu avô foi o primeiro temerário a testar a justiça dos Balek, que moravam no castelo, que tinham dois coches e que costumavam pagar a um dos rapazes da aldeia os estudos de Teologia, no seminário de Praga. O padre ia a casa dos Balek, todas as quartas-feiras, para jogar *tarock*. Pelo ano novo, eram visitados pelo juiz da

comarca, com o brasão real gravado no coche. O Imperador, pelo ano novo de 1900, atribuiu-lhes o título de nobreza.

O meu avô era diligente e esperto. Penetrava mais fundo no bosque do que as crianças anteriores da sua família. Embrenhava-se na densidão do bosque onde, de acordo com a lenda, vivia Bilgan, o gigante que vigiava o refúgio dos Balderer. Mas o meu avô não tinha medo do Bilgan. Já em rapaz se entranhava profundamente no mato espesso e trazia muitos cogumelos e até trufas, as quais a senhora Balek pagava a 30 *pfennig* por meio quilo. O meu avô anotava nas costas de um calendário tudo o que vendia aos Balek, cada meio quilo de cogumelos, cada grama de tomilho e, do lado direito, escrevia, na sua letra de criança, quanto tinha recebido. Dos sete aos doze anos, ele apontava cada *pfennig* que recebia. Quando tinha doze anos, no ano de 1900, os Balek ofereceram a cada família da aldeia 125 gramas de café verdadeiro, daquele que vem do Brasil, porque o Imperador lhes tinha conferido um título de nobreza. Também ofereceram cerveja e tabaco aos homens e no castelo foi dada uma grande festa. Muitos coches estavam na alameda dos choupos, que ia do portão até ao castelo.

Mas já no dia anterior à grande festa fora distribuído o café na loja em que se encontrava, há quase cem anos, a balança dos Balek, que agora se chamavam Balek de Bilgan, porque, de acordo com a lenda Bilgan, o Gigante tinha um castelo onde agora estavam os edifícios dos Balek.

O meu avô contou-me várias vezes que foi lá no fim da escola para ir buscar o café para quatro famílias: para os Cech, os Weidler, os Vohla e para a sua própria família, os Brücher. Era a véspera da passagem de ano. As casas tinham que ser decoradas, os bolos tinham que ser feitos e, por isso, não queriam dispensar quatro rapazes para irem todos ao castelo buscar 125 gramas de café cada um.

E assim, o meu avô estava sentado no pequeno e estreito banco de madeira na lojinha enquanto Gertrud, a empregada, contava os quatro pacotes de 125 gramas de café e olhava para a balança, em cujo prato esquerdo tinha ficado o peso de meio quilo. A Sra. Balek de Bilgan estava ocupada com os preparativos da festa. Quando a Gertrud quis ir ao frasco dos rebuçados amargos, para dar um ao meu avô, verificou que este estava vazio; o frasco era cheio todos os anos e levava um quilo, que equivalia a um marco.

A Gertrud sorriu e disse:

– Espera que eu vou buscar os novos.

O meu avô ficou com os quatro pacotes de 125 gramas de café, que tinham sido embalados e selados na fábrica, em frente à balança na qual alguém

tinha deixado ficar o peso de meio quilo. O meu avô pegou nos quatro pacotes de café, pôs-os no prato vazio da balança e o seu coração bateu com muita força quando viu que o ponteiro preto da justiça ficou parado do lado esquerdo do traço, ou seja, o prato com o peso de meio quilo ficou em baixo e o meio quilo de café bem levantado no ar a baloiçar. O seu coração batia mais forte do que se estivesse no bosque deitado por trás de uma moita à espera de Bilgan, o Gigante. Tirou do bolso pedrinhas, que sempre trazia consigo para atirar com a físga aos pardais que picavam as couves da mãe. Teve que colocar três, quatro, cinco pedrinhas ao lado dos pacotes de café até o prato com o peso de meio quilo se elevar e o ponteiro ficar finalmente mesmo em cima do traço. O meu avô tirou os pacotes de café da balança e embrulhou as cinco pedrinhas num pano. A Gertrud regressou com o saco de quilo cheio dos rebuçados amargos, que tinham que chegar para mais um ano, para levar o rosado da alegria à cara das crianças. Enquanto despejava os rebuçados para dentro do frasco, o rapazote pequeno e pálido estava ali como se nada tivesse acontecido. O meu avô só pegou em três dos pacotes e a Gertrud ficou a olhar admirada e assustada para o rapaz pálido que atirou o rebuçado para o chão, o calcou e disse:

- Eu quero falar com a senhora Balek.
- Balek de Bilgan, se faz favor, – disse a Gertrud.
- Muito bem, Senhora Balek de Bilgan.

Mas a Gertrud riu-se dele e ele, na escuridão, regressou à aldeia, levou o café aos Cech, aos Weidler e aos Vohla e depois disse que ainda tinha que ir ao padre.

Mas embrenhou-se na noite, com as suas cinco pedrinhas dentro do lenço. Tinha que andar muito até encontrar alguém que tivesse uma balança, que estivesse autorizado a ter uma. Sabia que nas aldeias Blaugrau e Bernau ninguém tinha uma balança e atravessou-as até que ao fim de uma caminhada de duas horas chegou à pequena cidade de Dielheim onde vivia o farmacêutico Honig. Da casa do Honig saía o cheiro a panquecas acabadas de fazer e o hálito do Honig, quando abriu a porta ao rapaz enregelado, cheirava a ponche e ele segurava o charuto húmido entre os lábios finos. Por instantes, segurou as mãos frias do rapaz nas suas e disse:

- E então, os pulmões do teu pai pioraram?
- Não, eu não venho buscar medicamentos, eu queria...

O meu avô abriu o lenço, tirou as cinco pedrinhas, estendeu-as ao Sr. Honig e disse:

- Queria que me pesasse isto.

Olhou amedrontado para a cara do Honig, mas como este não disse nada, não se zangou e também não perguntou nada, o meu avô disse:

– É o que falta à justiça.

Só agora, ao entrar na casa quente, é que o meu avô se apercebia quão molhados estavam os seus pés. A neve tinha trespassado os sapatos de fraca qualidade e, no bosque, os ramos tinham despejado neve, que agora começava a derreter em cima dele. Estava cansado e esfomeado e, de repente, ao lembrar-se de todos os cogumelos, ervas e plantas que tinham sido pesadas na balança à qual faltavam cinco pedrinhas para a justiça, começou a chorar. Quando o Honig, a abanar a cabeça, chamou a mulher, o meu avô lembrou-se dos antepassados dos seus pais, os seus avós, que tinham tido de pesar todos os seus cogumelos e plantas na balança. Sentiu-se invadido por uma enorme onda de injustiça e começou a chorar ainda mais. Sentou-se, sem ser convidado para tal, num dos bancos da casa do Honig, e nem reparou na panela e na chávena de café quente que a bondosa e gorda senhora Honig lhe tinha posto à frente. Só parou de chorar quando o próprio Honig regressou da loja e, segurando as pedrinhas na mão e abanando a cabeça, disse para a mulher:

– Exactamente 5 decagramas e meio.

O meu avô fez a caminhada de duas horas de volta a casa, levou uma tarefa, ficando em silêncio, quando lhe perguntaram pelo café. Não disse uma única palavra. Durante toda a noite fez contas no papel onde tinha anotado tudo o que tinha vendido à actual senhora Balek de Bilgan. Quando bateu a meia-noite, ouviram-se os petardos do palácio, a gritaria em toda a aldeia e o barulho das relas. Toda a família se beijou e abraçou e ele disse no meio do silêncio do novo ano:

– Os Balek devem-me 18 marcos e 32 *pfennig*.

Mais uma vez, pensou nas muitas crianças que viviam na aldeia, no seu irmão Fritz, que tinha apanhado muitos cogumelos, na sua irmã Ludmila. Pensou nas centenas de crianças que tinham apanhado cogumelos, ervas e plantas para os Balek, mas desta vez não chorou e contou tudo sobre a sua descoberta aos pais e irmãos.

Quando, no dia de Ano Novo, os Balek de Bilgan chegaram à igreja para a missa, já com o novo brasão, onde figurava um gigante aninhado por baixo de um pinheiro, gravado a azul e dourado no coche, viram as caras pálidas e duras das pessoas que olhavam fixamente para eles. Estavam à espera de enfeites na aldeia, de uma musiquinha pela manhã, de vivas e gritos de alegria, mas quando passaram pela aldeia, esta estava como que abandonada. Na igreja, os semblantes pálidos das pessoas olhavam para eles, caladas e com ódio. Quando

o padre subiu ao púlpito para fazer a homília, sentiu o frio das caras normalmente tão caladas e serenas, pelo que a fez a custo e regressou ao altar, a pingar suor. Quando os Balek de Bilgan iam a sair da igreja, no fim da missa, passaram por um corredor de semblantes calados e pálidos. No entanto, a jovem Senhora Balek de Bilgan parou à frente, junto ao banco das crianças, procurou a cara do meu avô, o pequeno e pálido Franz Brücher, e perguntou-lhe:

– Porque é que não levaste o café da tua mãe?

O meu avô levantou-se e disse:

– Porque a senhora me deve tanto dinheiro que dava para comprar cinco quilos de café.

E tirou as cinco pedrinhas do bolso, estendeu-as à jovem senhora e disse:

– Tanto quanto isto, 5 decagramas e meio, é o que falta em meio quilo da sua justiça.

Ainda antes da mulher poder dizer alguma coisa, os homens e mulheres que estavam na igreja entoaram a canção: “Justiça da Terra, ó Senhor, matou-te...”

Enquanto os Balek estavam na igreja, Wilhelm Vohla, o caçador furtivo, tinha entrado na pequena loja, roubado a balança e o livro grande, grosso e encadernado a couro, no qual estava registado cada quilo de cogumelos, cada quilo de flores campestres, tudo o que os Balek tinham comprado na aldeia. Durante toda a tarde do dia de Ano Novo, os homens da aldeia estiveram na casa dos meus bisavôs a fazer contas. Fizeram as contas de um décimo de tudo o que tinha sido comprado, mas quando já tinham feito as contas a muitos milhares de *taler*, e ainda não tinham chegado ao fim, chegaram os guardas. Entraram aos tiros e a golpes de baioneta na casa do meu bisavô e foram buscar, à força, a balança e o livro. A irmã do meu avô, a pequena Ludmila, foi morta, alguns homens foram feridos e um dos guardas foi apunhalado pelo Wilhelm Vohla, o caçador furtivo.

Não foi só na nossa aldeia que houve desacatos, também em Blaugau e Bernau, o trabalho nas fiações de linho esteve parado durante quase uma semana. Mas chegaram muitos guardas e os homens e mulheres foram ameaçados com a prisão. Os Balek obrigaram o padre a mostrar na escola, publicamente, a balança e a provar que o ponteiro da justiça não estava errado. Os homens e as mulheres voltaram ao trabalho na fiação de linho. Mas ninguém foi à escola para ver o padre. Este estava lá completamente só, impotente e triste, com os seus pesos, a balança e os pacotes de café.

As crianças voltaram a apanhar cogumelos, voltaram a apanhar tomilho, flores e dedaleira, mas todos os domingos na igreja, assim que os Balek entravam, era entoada a canção: “Justiça da Terra, ó Senhor, matou-te...”, até que o juiz da comarca mandou anunciar em todas as aldeias que era *proibido* cantar essa canção.

Os pais do meu avô tiveram de deixar a aldeia, ainda a campã da sua pequena filha estava fresca. Tornaram-se cesteiros, não parando muito tempo em lugar nenhum, pois doía-lhes ver como, em lado algum, o ponteiro da justiça batia certo. Atrás da carroça, que rolava lentamente pelas estradas rurais, puxavam a magra cabra, e quem passasse pela carroça por vezes ouvia como lá dentro se cantava: “Justiça da Terra, ó Senhor, matou-te...”. E quem os quisesse escutar podia ouvir a história dos Balek de Bilgan a cuja justiça faltava um décimo. Mas quase ninguém os escutava.

Trad. de Álvaro Ferreira e Paula Cruz¹

¹ Alunos da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.